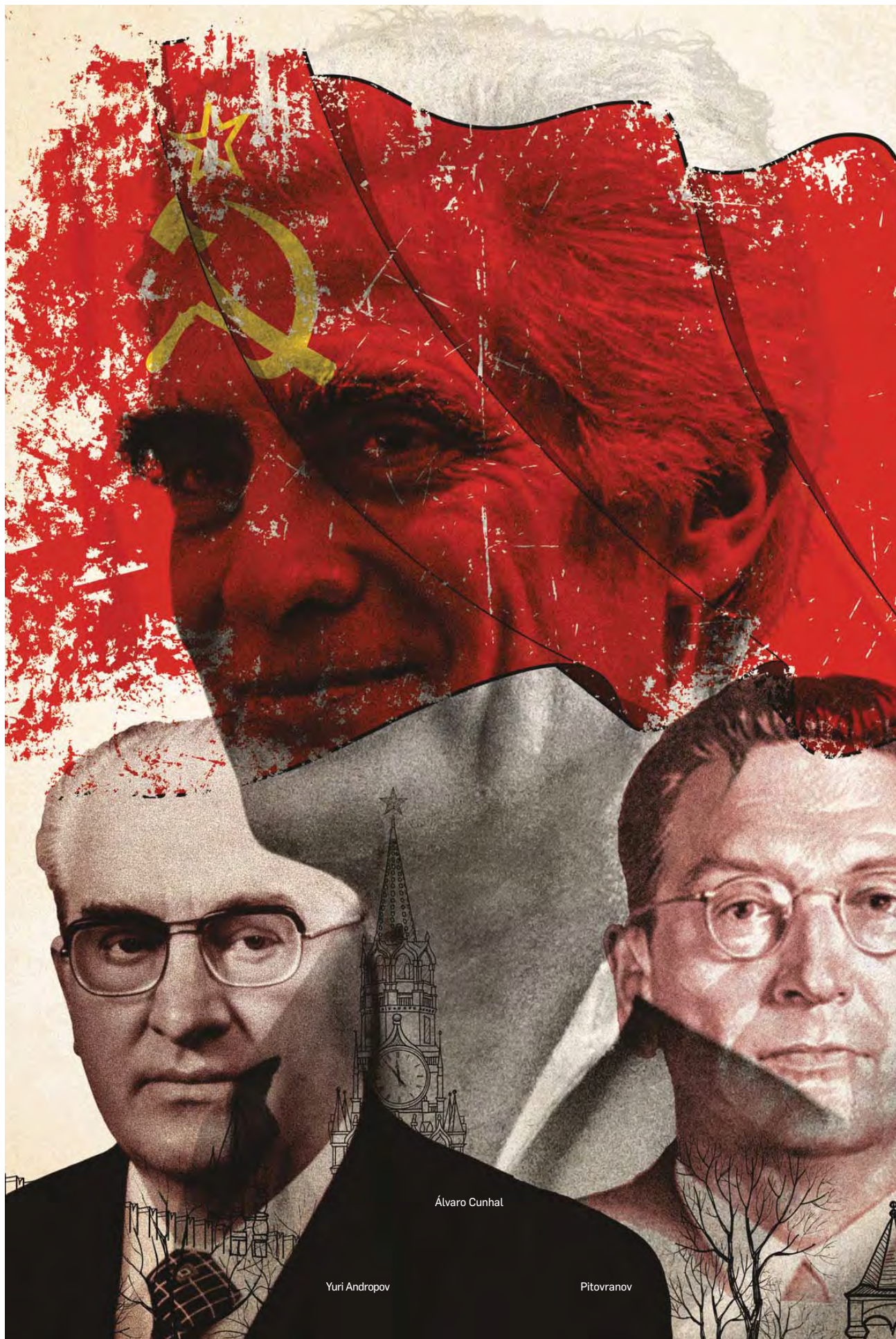




ID: 108618896

14-12-2023



Álvaro Cunhal

Yuri Andropov

Pitovranov

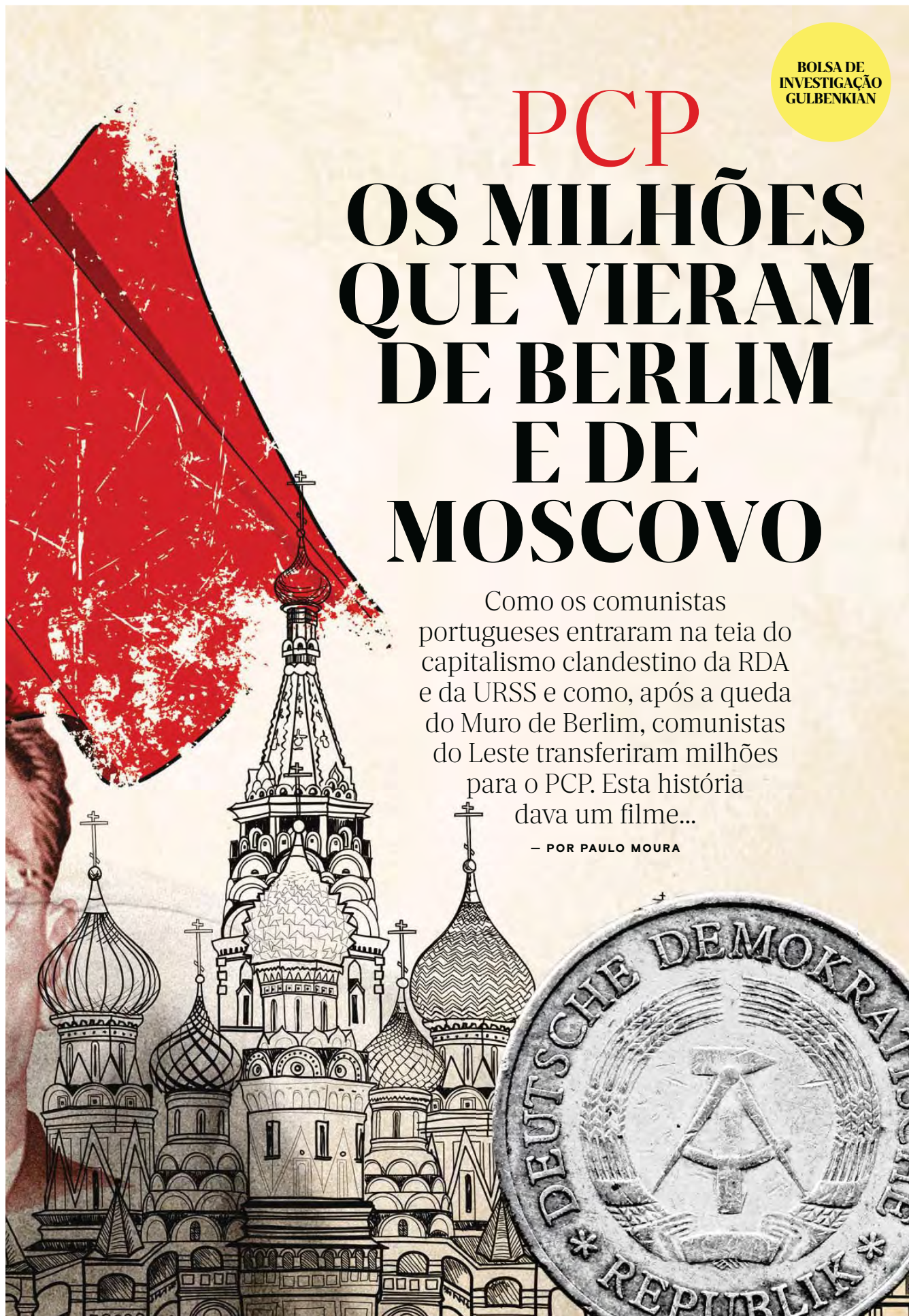


BOLSA DE  
INVESTIGAÇÃO  
GULBENKIAN

# PCP OS MILHÕES QUE VIERAM DE BERLIM E DE MOSCOVO

Como os comunistas portugueses entraram na teia do capitalismo clandestino da RDA e da URSS e como, após a queda do Muro de Berlim, comunistas do Leste transferiram milhões para o PCP. Esta história dava um filme...

— POR PAULO MOURA





# N

Naqueles meses atribulados que se seguiram ao 25 de Abril de 1974, ninguém deu importância à visita a Portugal de duas estranhas figuras vindas do outro lado da Cortina de Ferro: Yevgeny Pitovranov, vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria da União Soviética, e Alexander Schalck-Golodkowski, conhecido como *Branca de Neve*, líder de um departamento do Ministério do Comércio Externo da então RDA, designado Coordenação Comercial (Kommerzielle Koordinierung, mais conhecido como Koko).

Pitovranov, um homem de fato cinzento, gravata aos quadrados e óculos de meia-armação, chegou a dar uma enfadonha entrevista à RTP. O jovem jornalista Raul Durão perguntava-lhe sobre os motivos da sua presença na inauguração da 15ª Feira Internacional de Lisboa (FIL), e ele articulava umas frases vagas sobre as trocas comerciais de produtos portugueses e soviéticos. Quando instado a concretizar, o insípido sexagenário não foi capaz de referir um único produto.

Quem visionar a entrevista, no arquivo da RTP, dirá que Moscovo enviou ao Portugal revolucionário um burocrata de terceira linha, sem qualquer competência ou a mínima noção do que estava a fazer. Puro engano.

Yevgeny Petrovich Pitovranov era agente de segurança do Estado soviético desde 1938. Em 1946, já chefiava a contraespionagem do KGB, de que viria a ser, sucessivamente, chefe da primeira, segunda e quarta diretorias.

Foi conselheiro especial do primeiro-ministro Yevgeniy Primakov e do secretário-geral do PCUS, Yuri Andropov, e, além de vice-ministro da Segurança do Estado, trabalhou como agente secreto em Berlim e em Pequim.

Chegou a ser preso por antisemitismo, forjou provas de traição contra o líder afegão Hafizullah Amin, o que levou à invasão soviética do Afeganis-

tão, onde, segundo acusação judicial, se viria a dedicar pessoalmente ao tráfico de armas, joias e drogas. Em final de carreira, foi diretor da Escola Superior do KGB e vice-presidente da Câmara do Comércio e Indústria (organismo controlado pelo KGB), qualidade na qual visitou Lisboa naquele 16 de junho de 1974.

### A “BRANCA DE NEVE”

O currículo da *Branca de Neve* (nome de código atribuído pelos serviços secretos da RFA) não era menos impressionante. Alexander Schalck-Golodkowski, um gigante obeso de quase dois metros de altura, filho de um ex-oficial czarista russo, prisioneiro em Berlim na I Guerra Mundial, foi adotado por uma família alemã, aprendiz de padeiro e mecânico, antes de se doutorar em Economia (com uma tese sobre o crime financeiro de colarinho-branco) e de assumir um cargo numa empresa de comércio externo, em 1952.

Era a época em que a RDA (à semelhança do que a URSS já fazia) se envolveu em contrabando e em negócios clandestinos, no mundo capitalista, para equilibrar as finanças internas. Uma vez que várias empresas de fachada haviam sido criadas na RFA e outros países da Europa Ocidental, Schalck-Golodkowski considerou que era preciso sistematizar e dar maior amplitude a esta atividade, fundamental para atrair moeda forte para o país.

Numa carta dirigida, em 1965, ao Politburo do Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED), propôs a criação da Coordenação Comercial (Koko), um departamento secreto que juntasse as empresas “capitalistas”, capazes de gerar divisas, sob a tutela conjunta do Ministério do Comércio Externo, do Comité Central do Partido e dos serviços secretos do Ministério da Segurança do Estado – a STASI.

Na verdade, a Koko ficou sob o controlo absoluto de Schalck-Golodkowski, que se tornou secretário de Estado do Comércio Externo, membro do Comité Central e agente da STASI, com o posto de coronel.

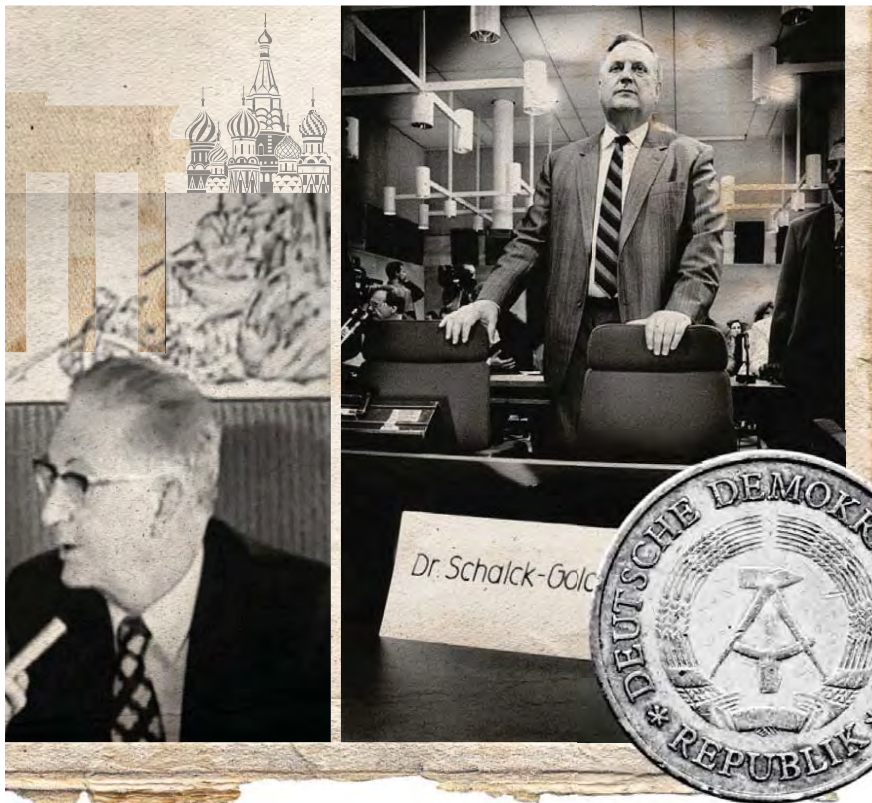
Em teoria, e segundo os estatutos da Koko, criada em Conselho de Ministros em 1966, a *Branca de Neve* reportava diretamente a Erich Mielke, chefe da STASI, a Günter Mittag, secretário da Economia do SED, e a Erich Honecker, o líder supremo do país. Na prática, a *Branca de Neve*, a quem também cha-



maram *Goldfinger*, *Fatman* e *Big Alex*, não deu conta a ninguém do que andou a fazer, durante os 25 anos seguintes. Sabe-se que as suas empresas no estrangeiro renderam mais de 25 mil milhões de marcos (depositados num Fundo Partidário Descartável, distribuído por várias contas, com nomes de código como 546 *Fauna*, 831 *Samba* ou 655 *Flora*, no Deutsche Handelsbank, em Berlim Oriental), operando em ramos de negócio sempre ilegais, por vezes criminosos. Tudo a bem do partido, pelo menos no início.

Segundo as leis nacionais e internacionais, não era permitido à RDA deter empresas no estrangeiro, nem aos cidadãos nem às empresas nacionais manterem contas bancárias em moeda estrangeira. À Koko, porém, tudo era permitido.

**QUEM VISIONASSE  
A ENTREVISTA DE  
RAUL DURÃO AO  
RUSSO, DIRIA TRATAR-  
-SE DE UM BUROCRATA  
DE 3.ª LINHA. PURO  
ENGANO: PITOVTRANOV  
ERA UM DOS MAIS  
DESTACADOS  
DIRIGENTES DO KGB**



Graças ao tortuoso génio financeiro da *Branca de Neve*, aliás, o país sobreviveu, durante décadas, ao falhanço da própria economia socialista. Em 1983, Schalck-Golodkowski viria a conseguir um colossal empréstimo de três mil milhões de marcos da RFA, negociado entre ele e o então primeiro-ministro da Baviera, Franz Josef Strauss, que salvaria a RDA da bancarrota. Desde 1966, para concretizar os vários objetivos da Koko, foram criadas dezenas de empresas, com sede nominal em países de ordenamento jurídico e fiscal mais flexíveis e com administradores-fantoches.

Um dos principais propósitos era a transferência de tecnologia ocidental para a RDA, desobedecendo ao embargo internacional em vigor. Mas não menos importante era trazer divisas e gerar lucros, a aplicar no financiamento de movimentos de libertação, partidos comunistas (incluindo o da Alemanha Federal) e grupos terroristas em todo o mundo.

Em benefício de algumas destas organizações, foi criada uma rede internacional de tráfico de armas, que incluiu, por exemplo, a venda de armamento ao Irão, em 1979-1980, durante o embargo internacional.

Outra função da Koko era, ainda, abastecer de bens de luxo as elites do partido. Automóveis, roupas de marca, mobília, vinhos e caviar, frutos exóticos, pornografia fluíam nos circuitos restritos da Nomenklatura, num país onde os cidadãos comuns não tinham acesso a bens essenciais e esperavam, em média, 16 anos por um carro (Tra-

bant, de fabrico nacional) e 25 anos pela instalação de um telefone.

No afã de gerar receitas e de acumular divisas, a Koko montou e geriu um sistema que incluía contrabando de álcool e cigarros, venda ilegal de obras de arte, antiguidades e peças de museus da RDA para colecionadores e instituições do Ocidente, bem como aceitar lixo, esgotos, entulho tóxico e dejetos industriais da RFA a troco de dinheiro.

Também concordou em submeter os doentes dos seus hospitais a ensaios com novos medicamentos, promovidos pela indústria farmacêutica ocidental, sem aplicação de quaisquer regras éticas, e cedeu a mão de obra escrava da população prisional (incluindo presos políticos) a empresas ocidentais, como a IKEA. Os presos políticos, de resto, foram um dos grandes negócios da Koko, que vendia à Alemanha Federal a libertação dos dissidentes detidos pelo regime. Desde os anos 60, Bona pagou 3,5 mil milhões de marcos pela libertação de 33 700 presos. Além disso, também mediante um pagamento “por cabeça”, cerca de 250 mil alemães do Leste foram autorizados a atravessar o Muro de Berlim e a viverem na RFA.

Todas estas atividades se realizavam através das empresas criadas pela Koko, que gozavam de um estatuto especial e eram designadas como “empresas partidárias” ou “empresas operacionais”. Fugiam aos impostos nos países onde operavam e eram geridas por “amigos do Partido”, empresários de confiança, geralmente

▼ **Espiões** Raul Durão não sabia que estava a entrevistar um coronel do KGB (Yevgeny Pitovranov). Ao lado, Alexander Schalck-Golodkowski, coronel da STASI, com ligações a empresas controladas pelo PCP

ligados aos partidos comunistas dos respetivos países.

Exemplos de empresas partidárias, segundo o relatório da comissão, que, após a reunificação alemã, investigou as atividades da Koko, eram a Elm-soka, registada do Liechtenstein, e cujo “ramo de negócio” era a “venda” de presos políticos; a Art and Antiques GmbH, que traficava obras de arte; a Transinter, que importava peças sobressalentes mas que também se encarregou da venda de armas para o Irão; a Chemo-Plast, que transferia ilegalmente tecnologia ocidental para a RDA; a Anstalt Infino, que negociava propriedades; a Heska Druck GmbH, de serviços gráficos e editoriais, e a Heska Portuguesa, Indústrias Tipográficas, a gráfica que em Portugal publicava o *Avante!*, *O Diário*, *O Militante*, *Mulheres*, *Revista Internacional*, etc.

## RDA AJUDA A CRIAR OS SERVIÇOS SECRETOS PORTUGUESES

A Revolução portuguesa foi seguida com muito interesse pela RDA e, em particular, pela *Branca de Neve*. *O protagonismo assumido pelo Partido Comunista Português, em 1974 e 1975, abria oportunidades de negócio que a Koko não podia perder.*

Logo em maio de 1974, uma delegação do PCP, encabeçada por Sérgio Vilarigues, foi a Berlim Oriental explicar que as relações diplomáticas entre os dois países deveriam sempre passar pelo PCP. Em março de 1975, o próprio Big Alex veio a Portugal para pedir ao PCP “que escolhesse, de acordo com o seu interesse político, as firmas que deveriam iniciar negociações com a RDA”, segundo um relatório do Ministério do Comércio da RDA.

Dois meses depois, o capitão de Abril ligado ao PCP, Costa Martins, ministro do Trabalho do governo de Vasco Gonçalves, foi a Berlim dizer ao SED que não deveria confiar na Embaixada Portuguesa nem no embaixador Rui Barbosa de Medina, em funções desde novembro de 1974. Medina era da confiança de Mário Soares, que, segundo Costa Martins, representava a contrarrevolução.

Em consequência, a Embaixada Portuguesa em Berlim ficou sob suspeita e estrita vigilância. Nos arquivos da STASI, encontrámos fotografias e plantas do 3º andar do edifício situado entre a rua Otto Grotewohl e a Unter den Linden, com todas as divisões,



▼ **Dinheiro ao fresco** Schalck-Goldkowsky supervisionou transferências da RDA para “empresas amigas” portuguesas, após a queda do Muro de Berlim

portas, janelas, passagens e corredores desenhados ao pormenor, bem como os pontos de segurança reforçada, as áreas vulneráveis, os equipamentos de comunicação, as armas disponíveis e respetivas munições.

“Pátio interno não protegido”, lê-se numa legenda. “A construção do telhado tem algumas saídas não seguras. Oferece opções de acesso convenientes”, lê-se noutra.

A Embaixada Portuguesa em Berlim Oriental era vista como o posto avançado de um país inimigo, enquanto o embaixador alemão oriental em Lisboa atuava como um feitor colonial. Doutorada pela Escola de Economia de Berlim, o plenipotenciário Erich Butzke, cercado por uma abundante e conspícua rede de espíões, era, de facto, o *pivot* entre o PCP e o SED, num plano concertado para controlar o poder em Lisboa.

Malgrado a renitência de Moscovo, Berlim abraçou sem reservas o desígnio de governar Portugal, através do PCP. Documentos que encontramos nos arquivos da STASI mostram que o SED e os serviços secretos da RDA chegaram ao ponto de participar ativamente na criação do novo serviço de informações SDCl (Serviço Diretor e Coordenador da Informação), dependente do Conselho de Revolução.

“No dia 9 de julho de 1975, o membro do Conselho de Revolução português, capitão Ferreira de Macedo, enviou uma mensagem ao embaixador da RDA em Portugal, camarada Erich Butzke, informando do pedido do Conselho de Revolução ao governo da RDA para ajudar na criação de um novo serviço central de informação português. Três membros do Conselho de Revolução foram incumbidos de criar o novo serviço, que se destina a substituir os dois anteriores, a PIDE e os serviços de informações militares. Explicam que pedem ajuda porque não têm experiência suficiente. O principal interesse é conhecer os métodos de trabalho adequados. Macedo pediu que especialistas da RDA viessem a Lisboa dar instrução sobre a montagem do serviço”, lê-se num relatório secreto conservado no arquivo central da STASI.

Perante esta solicitação, o que fez o camarada Butzke? Continua o relatório da STASI: “Em 15 de agosto de 1975, o camarada Erich Butzke, conforme as instruções que recebeu, informou o camarada Joaquim Go-

mes, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, uma vez que não foi possível contactar Cunhal, sobre os factos apresentados. O camarada Gomes informou que as três pessoas propostas pelo Conselho de Revolução são de plena confiança, e também gozam da plena confiança do primeiro-ministro português, Vasco Gonçalves. É fortemente recomendado que o pedido do Conselho de Revolução seja aceite.”

Da troca de mensagens entre Butzke e Macedo, que a STASI guardou, percebe-se que Berlim aprovou o pedido e que foi combinada uma primeira visita a Berlim, de 5 dias. “No dia 9 de agosto de 1975, o capitão Macedo informou o embaixador da RDA em Lisboa, Erich Butzke, da data e composição da delegação do serviço de segurança português. A delegação é chefiada pelo capitão Ferreira de Macedo, membro do Conselho de Revolução, com poderes de ministro.”

Mais à frente, no relatório: “O capitão Macedo está particularmente interessado em equipamentos e tecnologia. Podem ser feitas solicitações de compra. Ele gostaria também de saber sobre métodos de treino.” E a seguir: “O camarada Butzke salientou mais uma vez a Macedo que todo o processo exige a máxima confidencialidade.”

Seguem-se, no arquivo, relatórios sobre o edifício onde ficaria sediado o SDCl, e as alterações necessárias. “O SDCl está instalado em vários pisos de um edifício recentemente construído na Rua Castilho, 50 (...). Há demasiado trânsito de visitantes, portugueses e estrangeiros, e de jornalistas. A te-

**“A MAIORIA DOS  
FUNCIONÁRIOS  
PERTENCE  
ÀS FORÇAS  
PROGRESSISTAS,  
QUE RODEIAM  
O PRIMEIRO-  
-MINISTRO VASCO  
GONÇALVES”, LÊ-SE  
NUM RELATÓRIO  
DA STASI**



lefonista é tagarela e incompetente. Qualquer serviço secreto seria capaz de entrar e de recolher informações.”

Os três líderes do SDCl, Carlos Almada Contreiras, José Pereira Pinto e Luís Macedo, bem como todos os demais colaboradores da organização, foram rigorosamente investigados pela STASI. “Segundo fonte confiável, a maioria dos funcionários pertence às forças progressistas que rodeiam o primeiro-ministro, Vasco Gonçalves”, lê-se noutra relatório. Almada Contreiras “tem cerca de 30 anos, várias missões com a Marinha em África. Está firmemente ao lado de Vasco Gonçalves”. Macedo “pertenceu ao mesmo serviço de Vasco Gonçalves, ao qual é fiel”.

De outros elementos são dadas informações como “é uma pessoa calma e reservada”, “é gordinho, casado, tem fraca cultura geral, mas simpatiza com os comunistas”, “é bom atirador e tem em casa uma grande quantidade de armas”, “é considerado leal a Vasco Gonçalves pela liderança do PCP”, “segundo o encarregado de negócios cubano, é comunista, e já nos forneceu informações sobre as Forças Armadas portuguesas e a CIA”. Os relatórios dão a entender que o trabalho conjunto começou, embora tenha sido abruptamente interrompido pela reviravolta do 25 de Novembro de 1975, que extinguiu o SDCl.

É hoje tido como certo que a ordem dada aos paraquedistas para ocuparem





as bases aéreas (que viria a desencadear a reação das forças moderadas) partiu do SDCI (após a concordância do PCP). Vários investigadores consideram que o SDCI planeava há muito o golpe de esquerda. Não é portanto de excluir que a RDA tenha estado envolvida no desencadear do 25 de Novembro, que quase lançou o País na guerra civil.

Contactado pela VISÃO, Almada Contreiras disse não se recordar desse contacto com a RDA, embora não possa “garantir em absoluto que não (lhe) tenha sido dado conhecimento”. Explicou que pode ter sido iniciativa de um só conselheiro da Revolução (Luís Macedo, que morreu em 2022), que “tinha competência política e orgânica para o fazer. A compartimentação da informação neste tipo de serviços existe e deve existir. É o ‘need to know’ do *intelligence*”.

#### HESKA PORTUGUESA “EMPRESA OPERACIONAL” DA RDA

Mas, por essa altura, a rede da *Branca de Neve* já estava lançada. Em 1976, Berlim introduziu uma mudança estatutária na Koko, que pretendia dar-lhe ainda mais poderes e uma garantia institucional de autonomia. A Koko era agora oficialmente autorizada a abrir contas bancárias no estrangeiro e a passar mercadorias pela fronteira, sem parar na Alfândega. Segundo a nova Ordem Interna da Koko, que seria descoberta e tornada pública em 1992

pela Comissão de Investigação do Bundestag, Schalck-Golodkowski passava a ser pessoalmente “responsável pela gestão e coordenação unificadas das seguintes tarefas selecionadas: gestão e coordenação das relações económicas da RDA com as empresas partidárias da RFA e de Portugal”. Seguem-se mais algumas tarefas de carácter geral, como “gerar divisas para a RDA”. Mas Portugal é o único país a ficar diretamente nas mãos da *Branca de Neve*. Os outros seriam *geridos pela número dois da Koko, Waltraud Lisowski, que viria a ter um papel importante quando Big Alex fugiu para o Ocidente, após a queda do Muro de Berlim*.

Em 1974 e 1975, foram criadas várias empresas ligadas ao PCP, que negociavam, através de canais privilegiados, com a RDA, a URSS e outros países da esfera socialista. Sobre a Heska Portuguesa, a gráfica que editava todas as publicações ligadas aos comunistas portugueses (*ver págs. 51-52*), podemos confirmar que era uma das empresas partidárias do SED, controlada pela Koko. Aparece em todas as listas das empresas operacionais, quer se trate dos relatórios da Koko quer das comissões que vieram a investigar os seus crimes. Consultando os vários registos da empresa, fundada em 1974, na Amadora, é possível traçar a história da Heska Portuguesa, Indústrias Tipográficas Lda. “Destina-se ao exercício da indústria gráfica, de produção de catálogos, prospectos, brochuras, li-

vros, revistas, jornais e quaisquer outros impressos, bem como a respetiva comercialização, podendo também desenvolver negócios adequados à promoção e ao desenvolvimento do seu objeto, bem como criar filiais em países no estrangeiro, participações no capital de outras empresas do mesmo ramo ou afins e ainda estabelecer contratos de associação, com interesses comuns”, lê-se no primeiro registo, em novembro de 1974.

O capital social inicial era 60 mil contos, dividido em duas quotas, uma de 42 mil, da sócia Anstalt Infino, com sede no Liechtenstein, e outra de 18 mil, pertencente à sócia Heska Druck GmbH, com sede em Klein-Krolizemburg, na RFA. Os gerentes eram um tal Constantin Assimakis (presidente da Anstalt Infino), residente em Londres, e Werner Schichova, residente em Reisenbrucher, na RDA. Em 1977, há um aumento de capital, resultante da entrada em cena de mais uma empresa sócia, a Chemo-Plast GmbH, com sede em Berlim, RFA, que reforça a posição em 1979. A Anstalt Infino e a Heska Druck entram com mais 70 mil e 30 mil, respetivamente. No ano seguinte, a Anstalt Infino cede a posição à Chemo-Plast, enquanto uma nova sócia, a Rapid, com sede em Praga, Checoslováquia, avança com mais 40 mil. Nos anos seguintes, os sócios realizaram aumentos de capital. Todas estas firmas faziam parte da lista de “empresas operacionais” da Koko, e todas estiveram



envolvidas nos negócios ilegais que as comissões de inquérito da Alemanha reunificada denunciariam mais tarde. A Chemo-Plast era mesmo, segundo a investigação do Bundestag, “uma das empresas centrais do partido”. Nominalmente, tinha como objeto social “importação e exportação de materiais básicos de química orgânica e inorgânica e aquisição de unidades industriais”. Segundo a comissão do Bundestag, dedicava-se ao “contrabando ilegal de tecnologia”.

### PORTUGAL FOI O LABORATÓRIO DA “NOVA ECONOMIA” RUSSA

Apesar das ligações à RDA, a maioria das empresas da órbita do PCP preferia os negócios com a URSS. Muitas sociedades comerciais foram criadas com esse objetivo, a partir de 1974. A Imporleste, a Aminter, a Numérica, a Metalquime, a Agência Marítima Internacional, a IT – Comércio Internacional foram criadas para exportar calçado, têxteis, cortiça, conservas, peles, bacalhau, pasta de tomate. A União Soviética vendia petróleo e outras matérias-primas e comprava a Portugal esses produtos, “a preços muito interessantes”, explicou-nos Jorge Camarneiro, presidente, desde essa época, da IT – Comércio Internacional.

“Nós tínhamos também projetos para aperfeiçoar as fábricas na União Soviética, às quais vendíamos maquinaria alemã e depois comprávamos os produtos.” Jorge Camarneiro, que estudou Economia em Leninegrado e na Bielorrússia, não nega que a ajuda do PCP era importante para estes negócios, bem como a do próprio governo, com os seus ministros comunistas, designadamente José Mendes Correia, e figuras como o jornalista Mário Neves, que foi embaixador de Portugal em Moscovo e comissário da Feira das Indústrias Portuguesas.

Através do conjunto de “empresas amigas” e de organizações como o Conselho Mundial para a Paz, a Federação Sindical Mundial e as várias Associações de Amizade, a URSS transferiu milhões para o PCP e para movimentos guerrilheiros e governos comunistas do Terceiro Mundo. O sistema funcionava com entregas de numerário. Segundo os documentos divulgados pelo antigo arquivista do KGB, Vasili Mitrokhin, avultadas quantias foram entregues, várias vezes, ao dirigente comunista

▼ **Álvaro Cunhal** Segundo Zita Seabra, o líder histórico comunistas reformou-se no dia em que o golpe de Moscovo (agosto de 1991) falhou: “Foi viver para os Olivais e dedicou-se aos netos e à pintura”

Octávio Pato (nome de código para o KGB: *Patrick*). Mas funcionava também através de negócios duvidosos, que passavam por comprar matérias-primas à URSS (petróleo, mas igualmente papel para tipografia) ao preço subsidiado soviético e vendê-las aos preços do mercado mundial, ou outros esquemas.

A oportunidade foi desde logo identificada por Yevgeny Pitovranov, o agente do KGB travestido de vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria da URSS. Quando visitou Portugal, Pitovranov já tinha falado com Mário Neves, que lhe abriu os horizontes sobre um mundo de saldos nas ex-colónias, designadamente Angola e respetivos filões de diamantes. Pitovranov veio à Feira Internacional de Lisboa a convite do comissário Mário Neves, que a seguir partiu para Moscovo como embaixador. Sabe-se que Pitovranov visitou Portugal por várias vezes, nos anos seguintes, para se encontrar com o colaborador e agente do KGB em Portugal, Leonid Veselovsky. Este último, num depoimento prestado perante uma comissão de inquérito na Rússia, anos mais tarde, contaria que, em 1975, lhe foi pedido, pelos chefes do KGB, “que entrasse em contacto com o PCP, que estava na iminência de ser ilegalizado”. Desde esse momento, que se presume que tenha sido o 25 de Novembro de 1975, Veselovsky trabalhou, ainda segundo o seu depoimento, em Portugal, articulando o PCUS e o KGB com o PCP e as “empresas amigas”.

Na URSS, há muito que o KGB fazia experiências com a atividade capitalista. Desde os anos 60, ainda no tempo de Brejnev, que o sistema permitia a alguns empresários trabalhar no mer-

**LEONID VESELOVSKY**

**ERA UM DOS**

**AGENTES DO KGB**

**EM PORTUGAL, COM**

**QUEM YEVGENY**

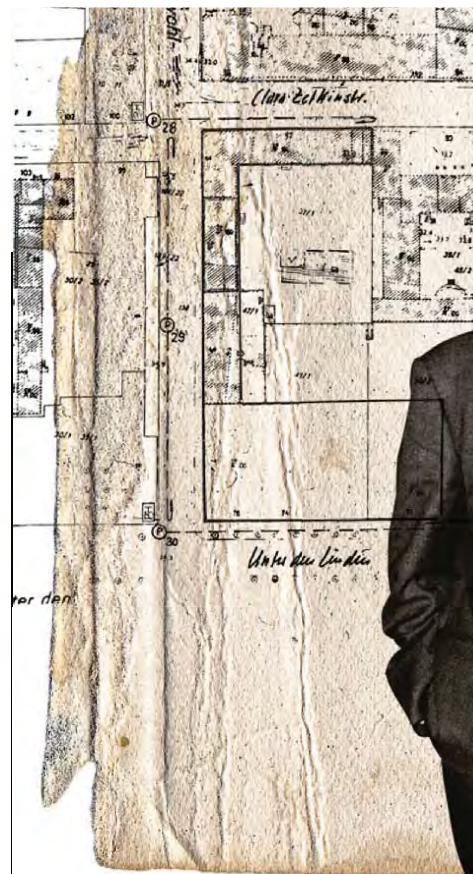
**PITOVRANOV**

**SE ENCONTROU**

**VÁRIAS VEZES EM**

**DESLOCAÇÕES**

**AO NOSSO PAÍS**



cado negro. Chamavam-lhes “tsekho-viki” e era-lhes permitido operar fora do sistema da economia planificada, designadamente comprando petróleo e outras matérias-primas ao preço interno soviético, para os revender a preços do mercado mundial, através de “firmas amigas” no estrangeiro.

O KGB estava no centro destas experiências, que incluíam, a partir dos anos 80, com a liderança de Yuri Andropov (aconselhado, para assuntos da “nova economia”, por Yevgeny Pitovranov), a criação de uma nova classe de empresários, recrutados entre as fileiras do Komsomol, a organização de juventude do PCUS. No fundo, a elite do KGB estava a preparar-se para a derrocada do regime. Portugal, depois de 1974, foi um importante laboratório dessa transição para uma economia de mercado.

E quando, em 1990, no auge da Perestroika, se tornou claro que o regime ia cair, Veselovsky, um homem descrito como atlético e atarracado, com punhos de pugilista e ar ameaçador, foi chamado a Moscovo. “Acredito que uma das principais razões terá sido a minha experiência de negócios, durante uma longa estada num país numa situação difícil”, explicou no relatório que fez ao KGB, em setembro de 1991. “Em novembro de 1990, a pedido da liderança do Comité Central do PCUS, na pessoa do vice-secretário-geral, Vladimir Ivashko, e de Nikolay Kruchina, che-





fe do departamento de Património do PCUS, e da liderança dos serviços (KGB), representada por Vladimir Kryuchkov, fui nomeado para o cargo de vice-chefe da coordenação das Atividades Económicas do Comité Central do PCUS”, continuava o relatório. “O motivo era a necessidade urgente de criar uma subdivisão capaz de coordenar as atividades económicas do partido, num momento em que se alteraram as condições. A escolha recaiu em mim devido à minha formação de economista internacional e à experiência que tinha de trabalho no estrangeiro, que agora teria de pôr em prática num novo local.”

Essa subdivisão foi criada pelo vice de Gorbachev, o secretário-geral adjunto Vladimir Ivashko, que teve a ideia de criar uma “economia Invisível” para o PCUS. O objetivo era, usando as técnicas e os canais abertos pelo KGB, pôr a salvo o dinheiro e as propriedades do PCUS, prevenindo a hipótese de o partido vir a ser extinto.

A inspiração (que ainda hoje define a oligarquia russa) era o método aplicado na RDA pela *Branca de Neve*. O principal centro da Koko era a cidade de Dresden, onde o agente do KGB Vladimir Putin esteve destacado entre 1985 e 1990.

Veselovsky elaborou então um plano de ação que apresentou aos superiores, Ivashko, Kruchina e Kryuchkov. Consistia na criação de uma rede de empresas, participações em fundos sociais

e de beneficência, ações em sociedades anónimas, através de um conjunto de “guardiões de confiança”, ou seja pessoas incumbidas de gerir os fundos do partido, mas que se mantivessem sob o controlo e as ordens do KGB.

“Por um lado, isto garantirá um rendimento estável independentemente da futura situação do partido. Por outro lado, estas participações podem ser vendidas a qualquer momento, através de bolsas de valores e depois transferidas, a fim de dissimular a participação do partido, que no entanto mantém o controlo sobre esses fundos”, explicou Veselovsky no seu memorando. E acrescentava: “A fim de concretizar estas medidas, é preciso que se proceda a uma seleção urgente de guardiões de confiança, que possam executar o programa. Será possível criar uma rede de membros secretos do partido, que assegure a sobrevivência deste sob quaisquer condições, nestes tempos difíceis.” Esses “guardiões de confiança”, denominados *Doverenniye litsa*, seriam recrutados entre militantes do PCUS ou outros partidos comunistas “de confiança”, em países capitalistas.

Veselovsky chegou a compor uma ficha de inscrição para os candidatos a guardiões (que seria encontrada mais tarde no gabinete de Nikolay Kruchina): “Eu (nome) membro do partido Comunista desde ... com o cartão nº ... declaro a minha decisão consciente e voluntária de me tornar administrador do partido e de cumprir as

## O golpe de Moscovo e a reforma de Cunhal

A 19 de agosto de 1991, aproveitando a circunstância de Gorbachev estar de férias na Crimeia, as ruas de Moscovo encheram-se de tanques, os militares ocuparam os estúdios de televisão, que começaram a emitir *O Lago dos Cisnes*. Num comunicado via rádio, os golpistas anunciaram a transferência do poder para um comité de emergência, porque a Perestroika estava “num beco sem saída, e forças hostis queriam destruir o país”. Em Portugal, o PCP manifestava o seu apoio ao golpe da linha dura comunista, o que levou à última vaga de demissões no partido – Raimundo Narciso, Barros Moura, Mário Lino. Segundo Zita Seabra, que abandonara o partido um ano antes, “estes eram os que nunca deixaram de acreditar. Só saíram quando perceberam que tudo acabou”. O próprio Álvaro Cunhal, disse-nos Zita Seabra, “reformou-se nesse dia. Foi viver para os Olivais, dedicou-se aos netos e à pintura. Nesse momento, Cunhal percebeu que perdeu”.





▼ **Documentos** Carta enviada ao então ministro do Interior da RFA, Wolfgang Schäuble, que seria ministro das Finanças de Angela Merkel

deu um tiro na cabeça a 22 de agosto de 1991. Alexander Petrov, presidente do Banco Comercial de Moscovo, foi assassinado ao entrar em casa, a 2 de dezembro de 1991.

Veselovsky, esse, demitiu-se oportunamente duas semanas antes do golpe. No início do ano, conheceu Boris Birchstein, um empresário lituano que tinha emigrado para Israel e depois para o Canadá, e agora queria arrendar um luxuoso palácio no centro de Moscovo. Como representante do Comité Central, Veselovsky cedeu-lhe o palácio em Lenin Hills. Em contrapartida, Birchstein contratou-o como consultor da sua empresa, a Seabeco, sediada na Suíça.

A Seabeco tornou-se a principal empresa de confiança do KGB, após a queda do PCUS. Na comissão de investigação sobre os fundos do PCUS, o ex-chefe do KGB, Vladimir Kryuchkov, admitiu que a Seabeco foi um canal para fazer sair do país o dinheiro do partido. Birchstein desenvolveu negócios em vários países da ex-URSS, tornando-se o principal investidor e influenciando as decisões políticas na Moldova, Quirguistão e Ucrânia. Mais tarde, tornou-se aliado de Donald Trump para os negócios com a Rússia.

Alguns portugueses colaboraram com a Seabeco, nos anos 90, mas nenhum deles aceitou uma entrevista. Birchstein continua ativo no mundo dos negócios, mas também não respondeu a um pedido de entrevista. De Veselovsky ninguém sabe o paradeiro. Diz-se que vive incógnito na Suíça, num resort de luxo.

É impossível provar que o vasto património do PCP (incluindo a Quinta da Atalaia, de 250 mil metros quadrados, comprada em 1990) tenha algo que ver com eventuais fluxos financeiros provindos do Leste ou se a “cooperação económica” com a Rússia continuou, embora já não com os comunistas. Jorge Carneiro, presidente da IT – Comércio Internacional, admite que os negócios continuaram, não obstante se terem tornado mais complexos, quando deixaram de ser feitos com uma central de comércio estatal para o serem através de entidades privadas.

Quanto ao dinheiro do PCUS, lamenta, não chegou aos empresários comunistas portugueses. “Repare nos nomes dos oligarcas que dominam hoje a economia russa”, fez ele notar. “São todos russos.” [visao@visao.pt](mailto:visao@visao.pt)

tarefas que me forem confiadas pelo partido, em qualquer situação, sem nunca divulgar a minha pertença ao grupo de guardiões. Comprometo-me a guardar e a utilizar cuidadosamente e no interesse do partido os recursos financeiros e materiais que me forem confiados, e cuja devolução garanto ao primeiro pedido. Reconheço todos os fundos por mim obtidos em resultado da minha atividade económica como propriedade do partido e garanto a sua transferência em qualquer lugar e a qualquer momento. Comprometo-me a manter a estrita confidencialidade das informações que me forem confiadas e a cumprir todas as instruções do partido, veiculadas pelas pessoas autorizadas.

Assinatura de um militante do Partido Comunista ...

Assinatura do candidato ...”

Assim se transferiram milhões para as mãos dos futuros oligarcas da Rússia. A URSS acabou, e o dinheiro nunca foi devolvido. Todas as tentativas feitas mais tarde para localizar os milhões desaparecidos do PCUS (comissões da Duma, empresas privadas de investigação financeira, como a Kroll) foram malsucedidas. E quando se fizeram oficialmente as privatizações das grandes empresas estatais soviéticas, foram estes novos capitalistas (membros do Komsomol, do KGB, dos grupos do crime organizado) que ficaram com elas.

O golpe de 19 de agosto de 1991, em Moscovo, falhou (ver caixa) e, em reação, o primeiro-ministro Boris Ieltsin

ilegalizou o Partido Comunista. A sede do Comité Central na Praça Vermelha foi selada e Nikolay Kruchina, que guardava os arquivos sobre as contas bancárias, as empresas no estrangeiro e os “guardiões de confiança”, para onde tinham sido transferidos milhões de dólares do partido, nos últimos meses do regime, atirou-se da janela do 17º andar do seu apartamento em Moscovo, a 25 de agosto de 1991.

Giorgi Pavlov, antecessor de Kruchina no departamento do Património do PCUS, atirou-se também da janela, a 6 de outubro de 1991. Dmitry Lisovolik, vice-chefe do departamento internacional do PCUS, atirou-se da janela de um 12º andar a 17 de outubro. Boris Pugo, ministro do Interior,

**DEPOIS DA  
IMPLOÇÃO DA URSS,  
A COOPERAÇÃO  
ECONÓMICA DO  
PCP COM A RÚSSIA  
TERÁ CONTINUADO,  
NOUTROS MOLDES:  
NO LUGAR DE  
UMA AGÊNCIA  
ESTATAL APARECIAM  
ENTIDADES PRIVADAS**



ESPECIAL VINHOS 52 BRANCOS, TINTOS, ROSÉS, ESPUMANTES E GENEROSOS

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS

WWW.VISAO.PT

N.º 1606 - 14/12 A 20/12/2023 - CONT. E ILHAS: €4, SEMANAL

**ALERTA**  
ONDA DE ÓDIO  
CONTRA  
BRASILEIROS  
EM PORTUGAL

**JORGE MOREIRA DA SILVA**  
"SEM AÇÃO  
CLIMÁTICA, NÃO HÁ  
DESENVOLVIMENTO"

# VISÃO

**PEDRO  
CABRITA REIS**  
"O POLITICAMENTE  
CORRETO É UMA  
FORMA DE  
TERRORISMO"

BOLSA DE  
INVESTIGAÇÃO  
GULBENKIAN

EXCLUSIVO

## OS MILHÕES DE MOSCOVO E DE BERLIM QUE ENCHERAM OS COFRES DO PCP

*A longa história de como os comunistas portugueses beneficiaram com a teia do capitalismo clandestino da RDA e da URSS. As revelações dos arquivos classificados da STASI sobre a criação dos serviços secretos em Portugal. Por onde circulou o dinheiro após a queda do Muro de Berlim*



Information  
erativen Arbeit gelangten  
taatssekretär im Ministeri  
GOLDSCHMIDT,  
ie belegen, ... der  
12. 1989 ...  
hielt ...  
owski ...  
des Bundesminister  
es Bundeskanzlerates  
Dr. SCHAUBLE,  
zu treten, um Möglic  
BRD zu erwirken.  
and sind in einz  
mittagsstunden  
on namens  
zu diese  
der Sek



Álvares Cunhal



Pitovranov

